

EXPRESSO/ACTUAL – 15 de Julho de 2006

(O texto publicado foi severamente editado, por razões de espaço/paginação. O texto que aqui se arquiva é o original)

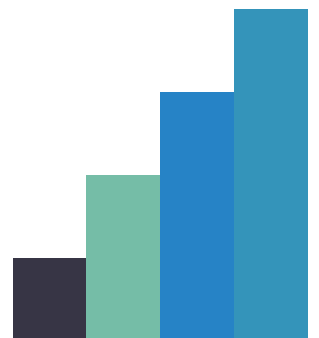
UM OLHAR DE ESTUPEFAÇÃO

Ir à Bósnia e ver o indizível.

Não, claro que não: **Diários da Bósnia** não é uma reportagem. Não nos diz que aconteceu isto e depois aquilo, não nos mostra declarações de protagonistas ou a voz dos anónimos, não nos dá o frémito em cima da hora, a voz entusiasmada do jornalista a dizer: foi aqui, neste mesmo local, que violaram, ou assassinaram ou simplesmente abateram. Não nos dá números, factos, o ruído usual dos telejornais que informam, mas logo a gente esquece. **Diários da Bósnia** é um filme de alguém que foi lá e viu e teve tempo para olhar para o que viu. Não se preocupou com a edição da notícia, com o formato da coisa, não aprontou imagens para empacotar e pensar interiormente que o serviço estava feito. Por isso, quando voltou com dezenas de horas de imagens, não havia filme. E foram precisos anos de paciente e teimosa observação das imagens e dos sons para se chegar à obra que aí está.

Não é um excelente documentário pela simples razão de que Sapinho não é um documentarista. Mas é um filme que mostrou, aos meus olhos cansados de imagens e de sons, coisas que eu nunca tinha visto. O silêncio de uma aldeia vazia, esventrada, depois do massacre (e um dos homens que o perpetrou serve-nos de guia). Uma civilizadíssima aldeia olímpica, onde um dia os olhos do mundo estiveram a ver o brilho e a glória, estertorando com gente a morrer revoltada no seu interior. O Museu de História Natural onde se arquivou a ordem natural das coisas, ali, silencioso, bombardeado, num sarcasmo melancólico sobre como é vã a nossa vontade de entender o mundo, o pasmo de percebermos como a Ciência é coisa pouca quando o Mal que os humanos engendram se levanta. O horror de uma foto abandonada no chão de uma casa sem tecto, nem portas, nem nada, só esqueleto, a fazer-nos pensar que houve um dia gente e alegria por ali. Um cavalo esbaforido na névoa que parece saído de um filme de Tarkovski. Os sinos que repicam no termo do filme (era 1996, ainda) e se calaram dois anos volvidos, substituídos pelo canto dos sacerdotes muçulmanos – e nós a perceber que nunca mais uns e outros se misturarão em Sarajevo. E as campas, semeadas, nos intervalos entre os prédios e nós vemo-los e compreendemos que não são diferentes dos da Portela, do Parque das Mações ou de Miraflores e que o cemitério, sim, ficava longe demais, nesse tempo em que havia atiradores furtivos nas encostas e atravessar a rua era uma aposta onde se jogava a vida.

Vejo **Diários da Bósnia** e as pessoas suspensas de uma espécie de torpor e a câmara de Joaquim Sapinho sem saber se há de olhar fixamente aqui ou fazer um 'travelling' sobre as ruínas. É a indecisão um defeito? Talvez seja, para os que sabem da realidade tudo e mais alguma coisa, para os que têm, sobre o mais pequeno facto da vida, um discurso, uma teoria, discorrendo com fluência sobre a



'lingerie', a guerra, o canto gregoriano ou as interferências muçulmanas na cultura americana. Que se danem, todavia, os doutos. Eu gosto, deixem-me dizer-lhes que gosto, de um cinema que é capaz de se assombrar com o que vê, de uma câmara que tem pudor em filar os que sofrem em grande plano, de um cineasta que consegue a humildade e a verticalidade de se deixar invadir pelas suas estupefacções. E deixem-me dizer-vos que gosto, tendo a consciência que a crítica de cinema não é questão de gosto, mas de análise racional, sabendo, portanto, que a subjectividade que, hoje, deixo que entre por este texto dentro sem recato, não vale mais que uma declaração parcial, parcialíssima. Mas é o que **Diários da Bósnia** me pede. Não se pode falar da emoção com o coração frio.

Jorge Leitão Ramos